

# Os números da tragédia

JORNAL DE BRASÍLIA *Teotônio Vilela Filho*

Os últimos números da mortalidade infantil do município de Teotônio Vilela, em plena zona da mata úmida de Alagoas, horrorizam por sua crua dureza: metade das crianças morre antes de um ano de vida. Um índice biafrense, seguramente o maior do Brasil e um dos mais aterradores do mundo.

No caso específico de Teotônio, a morte vem sobretudo pela água poluída, tirada de címbas vizinhas às fossas. A água que mata a sede mata também a vida. O município tem adutora, tem até caixa d'água, mas não conta com a rede de distribuição. A Caixa Econômica, em quase dois anos de exigente processo, não liberou ainda o financiamento para as ligações domiciliares. Ironicamente, a caixa d'água do município, provocadora na sua inutilidade, se alteia por sobre o cemitério, dominando a cidade. Mas o horizonte estreito dos moradores de Teotônio esbarra mesmo é nas covas rasas do cemitério local. Água, só das fossas. Distribuição, só da morte.

É claro que, em Teotônio Vilela, a esdrúxula situação de uma água captada, armazenada e não distribuída exacerba a dimensão dos números de mortalidade. Mas lá também, como em todo o restante do Nordeste, persistem as demais causas básicas conhecidas da mortalidade infantil: desidratação, infecções, parasitoses, que qualquer médico não teria dificuldades

em identificar como doenças da miséria. E fome, muita fome!

O pior é que a tragédia social e humana que massacra as crianças de Teotônio nem se restringem ao município e à mata alagoana nem se limitam à contabilidade da morte. Os que sobrevivem carregam pelo resto da vida seqüelas irreversíveis. Crianças que, aos três e quatro anos, ainda não andam por absoluta falta de cálcio. Crianças que não crescem — os nordestinos estão mais baixos, vítimas do nanismo nutricional que castiga sobretudo a zona da cana. Sobretudo crianças que sofrem lesões cerebrais irreversíveis por conta da desnutrição no primeiro ano de vida. O Nordeste está legando ao Brasil e ao futuro uma geração de mutilados mentais.

Os resultados já podem ser identificados. Basta consultar o elenco de doenças ocupacionais que vitimam, sobretudo, esses desnutridos de ontem.

O quadro nordestino, com sua exacerbão em Teotônio Vilela, deixa muito claro que a saúde não se restringe a ações específicas de assistência médica, nem se confina nos ambulatórios e enfermarias. Saúde é higiene, saneamento básico é alimentação. É padrão de vida, enfim. O cientista Nelson Chaves, um dos brasileiros mais respeitados no Brasil e no exterior, na área de nutrição, resolveu aplicar um tratamento diferente às crianças da zona da

10 SET 1989

mata pernambucana, que encontrou ainda engatinhando aos quatro anos de idade. O médio foi apenas comida. Comida e comida. E deu certo.

Por isso é que a intervenção pública em áreas de explosiva mortalidade infantil diminui, temporariamente, os índices da morte, sem acabar, contudo, com o risco da mortalidade. As crianças que não morrerem hoje sucumbirão amanhã ou crescerão, inevitavelmente, como subcidadãos, limitados em sua potencialidade. Ninguém conseguirá fazer saúde sem melhorar o nível de vida.

A solução, como se vê, é de médio e longo prazo. Mas há ações emergenciais inadiáveis, por mais paliativas que pareçam. Impõe-se, afinal, a urgência da vida. Como no caso de Teotônio, onde a simples distribuição de água potável já derrotará a morte. Mesmo emergencial, mas com inegáveis efeitos a longo prazo, tal ação poderia se justificar por dezenas de argumentos econômicos, sociais, políticos e, acima de tudo, morais e humanitários. Até agora têm sido inconsistentemente repetidos, mas em vão.

Quem sabe se resolverá quando o Governo descobrir que é mais barato botar água na cidade que pagar as dezenas de enterros de anjinhos que saem a cada semana!

□ Teotônio Vilela Filho é senador pelo PSDB de Alagoas